PNEUMa
REVISTA TEOLÓGICA

Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

ISSN: 2965-3177

OS IMPACTOS DA EXPANSÃO DO ISLAMISMO NOS SÉCULOS VII-VIII NOS ARREDORES DO IMPÉRIO BIZANTINO NA INTENSIFICAÇÃO DA CONTROVÉRSIA ICONOCLASTA

Arthur Gabriel Dos Santos Dantas[1]

RESUMO

No século VIII e um breve renascimento no século IX, no Império Bizantino, houve controvérsia sobre o uso de imagens na adoração cristã. Os iconoclastas argumentaram que essa prática poderia levar os cristãos à idolatria. A querela ocorreu durante a expansão do islamismo nas fronteiras do Império Bizantino. O presente artigo estabeleceu como problema de pesquisa; quais os principais impactos da expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino na intensificação da Controvérsia Iconoclasta? O estudo teve como objetivo identificar os principais impactos da expansão do islamismo nos séculos VII a VIII nos arredores do Império Bizantino na intensificação da controvérsia iconoclasta. Concluiu-se que nenhuma das fontes mencionadas no estudo cita o islamismo como um fator significativo nessa controvérsia.

Palavras-chave: Controvérsia Iconoclasta: Império Bizantino: islamismo: destruição de imagens sagradas.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história humana, é visto como a arte quase sempre fez parte do dia a dia dos seres humanos, como a chamada arte rupestre nas cavernas do Período Paleolítico. Porém, conforme a humanidade evoluiu, essas representações artísticas passaram a ser mais complexas, e estavam ligadas à religião, com estátuas, imagens e ícones simbolizando deuses e seus feitos.

Cada povo no mundo antigo tinha esse padrão de religião e mitologia.

1 Pós-graduando em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Graduado em Teologia pelo o Centro Universitário do Vale do Ribeira – UNIVR E-mail para contato: arthurgabrielsd@gmail.com

No âmbito da religião cristã, essa questão de imagens e ícones era vista como algo corriqueiro e até necessário, já que são encontrados túmulos de mártires e igrejas ilustrando Cristo, passagens e personagens das Escrituras, com intuito de evangelizar os mais incautos e aumentar sua fé e piedade.

No entanto, em pleno seio bizantino, mais precisamente no século VIII e com breve reavivamento no século IX, surgiu uma controvérsia sobre o uso destas imagens. Os argumentos dos iconoclastas, como ficaram aqueles que eram contra os ícones, era que essa prática poderia levar os cristãos à idolatria. Essa controvérsia também ocorreu no momento em que o islamismo está em expansão e poderia ter influenciado nessa controvérsia.

Assim, de acordo com o cenário apresentado, discutir sobre os principais impactos da expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino na intensificação da Controvérsia Iconoclasta justifica-se, pois a religião cristã e o islã são duas das maiores religiões mundiais, com bilhões de seguidores em todo o globo. Ambas possuem uma história rica e complexa. É importante compreendermos os fatores externos que influenciaram e moldaram a Controvérsia Iconoclasta. Ao considerar o contexto histórico do século VIII, é impossível ignorar o impacto que a expansão islâmica teve na Europa e no Oriente Médio, especialmente na região do Império Bizantino.

Além disso, de acordo com Walker (2006), a presença de imagens e ícones como forma de adoração é uma prática que tem suas origens em séculos anteriores, mas que ainda hoje gera debates e discussões em diversos ambientes religiosos e acadêmicos. No entanto, é notável que essa questão ganhou maior relevância e foi mais intensamente discutida no período compreendido entre os séculos VIII e IX. E é no período de 726-787 que é formado o dogma acerca das venerações das imagens.

Diante disso, nota-se a submissão da Igreja em obedecer às ordens do Imperador Leão III para quebrar os ícones é um assunto de grande

importância histórica e teológica. Diante de tal acontecimento, a Igreja Oriental e a Igreja Ocidental tiveram posturas distintas.

Enquanto a Igreja Oriental, liderada pelo Patriarca de Constantinopla, submeteu-se às ordens do Imperador e aceitou a quebra dos ícones, a Igreja Ocidental, liderada pelo Papa de Roma, se posicionou firmemente contra a destruição das imagens sagradas. Além disso, aprofundar-se neste assunto pode contribuir para uma compreensão mais ampla das divergências entre a Igreja Oriental e a Igreja Ocidental, bem como para uma reflexão sobre a importância das imagens religiosas na fé cristã.

Por fim, ressalta-se que este tema também tem grande relevância para o contexto atual, onde ainda existem divergências e debates acerca do uso de imagens na religião. Além disso, a partir desse evento, uma série de desavenças teológicas, políticas e culturais se intensificaram entre os cristãos do Oriente e do Ocidente, culminando no Grande Cisma do Oriente em 1054, que dividiu a Igreja em duas: a Igreja Católica Romana no Ocidente e a Igreja Ortodoxa no Oriente.

Assim, em virtude das informações até aqui apresentadas, o presente artigo estabeleceu como problema de pesquisa; quais os principais impactos da expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino na intensificação da Controvérsia Iconoclasta?

E como objetivo geral – Identificar os principais impactos da expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino na intensificação da Controvérsia Iconoclasta. Para alcançar o objetivo geral, os objetivos específicos serão; conceituar a expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino; discorrer sobre a Controvérsia iconoclasta; analisar os principais impactos da expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino na intensificação da Controvérsia Iconoclasta.

Tendo em vista tais informações, o presente estudo consiste em pesquisa aplicada de caráter exploratório e descritivo. Nesse sentido, os resultados

serão apresentados de forma qualitativa, a partir da coleta de uma revisão bibliográfica, com informações de fontes secundárias, como artigos e livros e com análise comparativa.de obras de diferentes autores.

1 A EXPANSÃO DO ISLAMISMO NOS SÉCULOS VII-VIII NOS ARREDORES DO IMPÉRIO BIZANTINO

As religiões judaísmo, cristianismo e islamismo têm pontos comuns na sua teologia. Além de serem monoteístas, todas elas reivindicam a sua origem em Abraão. O judaísmo se desenvolveu primeiro, sendo que é relatado esse desenvolvimento na Bíblia Hebraica, comumente chamada de Antigo Testamento Cristão. A maior parte da história desse desenvolvimento se passou na atual região da Palestina. Nos últimos 400 anos até o século I, aquela região foi dominada por vários impérios, por exemplo o Império Romano. Neste ínterim, o judaísmo se fragmenta e surgem várias ramificações no seu interior, das quais o cristianismo foi confundido como sendo um deles.

Porém, com o passar do tempo, a religião cristã se diferenciou da judaica, e os teólogos cristãos se empenharam para escrever as bases da teologia cristã, com o objetivo de defender a doutrina cristã das perseguições tanto físicas como retóricas. A partir do século IV, começa a era dos concílios ecumênicos, com o propósito de chegar a um acordo doutrinário entre os líderes cristãos, solucionar os problemas na Igreja e expulsar os hereges. É notável que esses concílios aconteceram na Anatólia, que estava em posse do Império Bizantino, que entre os séculos VII e VIII estava lidando com o crescimento de uma nova religião, o islamismo.

Tem várias definições dos conceitos de "Islã" e "muçulmano". De acordo com Hodgson (1974, p. 72) e Lewis (2004, p. 13-14), além de referir-se a uma religião com os seus próprios dogmas e doutrinas, "Islã" pode referir-se a um modo de sociedade, e às vezes até a um império, os quais são regidos pela lei divina. Já o termo "muçulmano" vem do árabe *muslim* e significa submissão a Deus, sendo que esse ato de submissão é também chamado de *islam* (Goldschmidt Junior; Al-Marashi, 2021).

Maomé é tido como sendo o fundador do Islamismo. Nascido em 570, na Península Arábica, na cidade de Meca. Mas é a partir de 610 que a vida de Maomé começou a mudar, já que começou a ter revelações, que ele identificou como sendo do Anjo Gabriel. De acordo com Maomé, Gabriel afirmou que os judeus e os cristãos teriam deturpado a mensagem de *Allah*, (Deus em árabe), além de o colocar como o mensageiro divino para os árabes. Logo após deste encontro com Gabriel, Maomé começou a pregar a sua nova mensagem. E, apesar de conseguir uns poucos convertidos, que incluía alguns membros de sua família, foi rejeitado. (Hodgson 1974, p. 167; Lewis 1996),

Essa rejeição á pregação de Maomé é explicada se consideramos que a Península Arábica durante os séculos V e VI era dívida em muitas religiões, como Zoroastrismo e vários grupos cristãos que foram declarados hereges pelos concílios ecumênicos dos séculos anteriores, o que gerou uma pequena perseguição a Maomé e seus seguidores. No entanto, em 622, uma data que tornaria o começo do calendário islâmico, Maomé foi convidado a mediar um conflito de tribos locais em Medina. E pouco tempo depois, Maomé se tornou o líder militar e espiritual de Medina. (Hogdson, 1974, p. 140; Goldschmidt Jr; e Al-Marashi. 2021; Lewis 1996)

Levando em consideração os conceitos já apresentados sobre o assunto, pode-se também entender que a ida de Maomé para Medina, que é chamado de migração (*hijra* em árabe), representou o ponto de virada para o movimento islâmico, já que até sua morte em 632 a Península Arábica foi islamizada pelo poder da espada. (Lewis 1996).

Vale ressaltar que esses avanços militares muçulmanos desse período, particularmente pelo Oriente Médio, se devem a dois fatores pelo menos: à fraqueza dos impérios da região, por exemplo o Império Bizantino: E, embora seja menos provável, ao fervor religioso dos muçulmanos. A chamada *Jihad*, (luta em árabe), faz parte da teologia muçulmana. Uma das interpretações desse princípio é a luta armada contra os não-muçulmanos, podendo até matá-los, embora houvesse tolerância com cristãos e judeus em certos momentos em seus domínios (Goldschmidt Junior; Al-Marashi, 2021; Gregory 2011, p. 181).

Conforme já mencionado, um desses lugares que mais sentiu a expansão da religião islâmica foi o Império Bizantino. Esse milenar império, cuja capital era Constantinopla, era o que restou do Império Romano e foi resultado da divisão Oriental que Diocleciano fez no final do século III, para tentar debater os ataques dos bárbaros e facilitar a administração. No entanto, a sua metade Ocidental, com sede em Ravena, caiu em 476 nas mãos bárbaras. Desde então, houve várias tentativas de reunir as duas partes, sendo uma delas a de Justiniano no século VI, mas nenhuma delas funcionou.

No começo do século VII, o Império Bizantino se encontrava em guerra com a Pérsia (602-628). Apesar de os bizantinos saírem vencedores no final desses conflitos, essa peleja os deixou enfraquecidos. Esse era o momento ideal para os avanços muçulmanos. Após da morte de Maomé, foram os califas (*Khalifa* em árabe significa sucessor) que o sucederam e foi criado o primeiro califado, o Califado Rashidun; (Lewis, 2004, p. 13; Goldschmidt Jr. e Al-Marashi, 2021).

Após de curto reinado de Abu Bakr, o sucessor indicado pelo próprio Maomé, a religião islâmica começou a expandir a partir de 634 com os califas Uthman e Ali, conquistando territórios bizantinos como Egito, Palestina e Síria, num espaço de 20 anos até o fim da década de 650. No entanto, devido ao assassinato em 656 de Uthman, foi iniciada uma guerra civil entre os muçulmanos que durou até 661, resultando também

com a morte de Ali e a criação de um novo califado, o Califado Omíada sob Muawiya ibn Abi Sufyan, sediado na Síria (Hodgson 1974, p 200; Lewis 1996),

Nesse meio tempo, os bizantinos tentaram recuperar os territórios perdidos, mas não conseguiram. A situação pioraria quando novos ataques muçulmanos, desta vez dos Omíadas, começaram. Entre os anos de 674 e 678, os Omíadas fizeram um primeiro cerco a Constantinopla. Contudo, graças á marinha bizantina, que foi tão eficiente que foi chamada de 'fogo grego", o cerco muçulmano falhou (Treadgold, 1997; Gregory, 2011, p. 186).

Entrando no século VIII, os dois Estados voltaram a se enfrentar em 717 e 718 na segunda tentativa de cerco muçulmano a Constantinopla. Mas, novamente, graças a marinha bizantina originalizada por Leão III, os bizantinos conseguiram repelir o ataque. Aliás, depois dos anos 740, o Império Bizantino conseguiu equilibrar as investidas muçulmanas, muito em conta da queda dos Omíadas em função da ascensão dos Abássidas e ao próprio Leão III que organizou minimamente o exército bizantino, não houve grandes ataques muçulmanos até os meados dos séculos IX (Treadgold, 1997; Gregory 2011).

Faz-se necessário, portanto, entender os conceitos relacionados a expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino nota-se mudanças territoriais e políticas, pois essa é uma das razões do declino bizantino nesses dois séculos. É nesse cenário que acontecerá a Controvérsia Iconoclasta. o assunto da próxima seção do presente artigo.

2 A CONTROVÉRSIA ICONOCLASTA

Conforme relatado na seção anterior, o Império Bizantino nos séculos VI-VII estava enfrentando problemas com as invasões de povos estrangeiros. Ao Sul, os muçulmanos estavam conquistando cada vez mais territórios bizantinos, além dos eslavos que estavam se estabelecendo na região dos Balcãs e expulsando os bizantinos desta mesma região. Tudo isso levou a uma crise interna que, por sua vez, a um período de anarquia. A situação só melhorou quando a dinastia Isauriana na figura de Leão III (reinou de 717-741) chegou ao poder.

Nesse meio tempo, a Igreja Oriental passou por várias transformações e surgiram certas doutrinas que foram consideradas heresias, como por exemplo o Monoteísmo, defendida por Sérgio, patriarca de Constantinopla, que afirmava que Cristo tinha apenas uma vontade. A doutrina de Sérgio acabou sendo condenada no III Concílio de Constantinopla (681-682). No entanto, uma nova controvérsia iria surgir no século VII, a dos ícones, colocando de um lado os iconoclastas (quebradores de imagens) e do outro iconodulia (adoradores de imagens)

A Controvérsia Iconoclasta começou em 726, quando Leão III publicou um édito cum édito contra as imagens nas igrejas. Segundo Davis (1990), embora os motivos de Leão não sejam claros, é provável que essa atitude contra os ícones foi influenciada pelo monofisismo que era forte na Síria, terra natal do Imperador.

Já González (2011, p. 290), Price (2018, p. 10) e Latourrette (2006, p. 395) afirmam que essa ação de Leão foi em função da sua fé pessoal e do temor de estar desobedecendo o segundo mandamento em Êxodo 20:4-5, onde se proíbe fazer imagens. O imperador ligou esse motivo à situação bizantina daqueles últimos tempos, como se fosse o castigo de Deus por conta da idolatria.

A despeito disso, um dos defensores do uso das imagens foi João Damasceno. Em uma série de tratados escritos entre os anos de 726-730, dos quais destacam-se a *Exposição da Fé Ortodoxa e a Apologia contra os que Rejeitam as Santas Imagens*, Damasceno defende que o uso destas imagens ilustra a natureza humana de Cristo e sua encarnação. Quando a violação do segundo mandamento foi dada como uma prevenção à idolatria. pois os cristãos têm revelação completa (Walker, 2006, p. 272; González, 2004, p. 192; Gregory 2011, p. 204).

De acordo com Davis (1990), Walker (2006) e Price (2018), em 730, Leão liderou um concílio através do qual reafirmou o iconoclasmo e depôs o então patriarca de Constantinopla, Germano, que era um iconodulia, para colocar um tal de Anastácio, um iconoclasta. A reação do Ocidente a essa política aconteceu no papado de Gregório II (715-731), que repreendeu o Imperador. E no ano seguinte do concílio que Leão presidiu, Gregório III (731-741) excomungou Leão.

No ano de 741. Leão III morre, e Constantino V (741-775), seu filho, assume o trono. Constantino continuou com a política iconoclasta, e a endureceu. O iconoclasmo do novo imperador se baseava no argumento de que Cristo é uma pessoa composta por duas naturezas: humana e divina. Se uma imagem de Cristo mostrar apenas sua natureza humana, é uma imagem falsa porque separa essa natureza da divina, o que cairia no nestorianismo. Tentar mostrar as duas naturezas em uma única imagem também é errado pois misturar as naturezas é herético, o que seria monofisismo. (Gregory 2011; Davis 1990),

Como o seu pai, Constantino realizou um concílio para tentar impor o iconoclasmo. Sendo assim, de janeiro a agosto de 754 aconteceu o Concílio de Hieria, diante do qual os teólogos e bispos iconoclastas concordaram com o argumento de Constantino descrito acima. Depois desse concílio, muitos adoradores de imagem foram perseguidos, exilados e até mortos (Louth, 2008, p. 52; Walker, 2006, p. 272; Latourrette, 2006, p. 397).

A situação estava assim quando, em 775, Constantino morreu, sendo sucedido por seu filho, Leão IV (775-780). Por causa da sua esposa Irene, uma iconodula, a perseguição se abrandou. Em 780, Leão morre, e Irene se torna regente de seu filho Constantino VI. Depois de muitas negociações com o papa Adriano I (772-796), Irene conseguiu realizar em 787 o II Concílio de Nicéia. Nesse concílio, ficou definido que há vários graus de adoração e veneração. Foram designadas as palavras em grego *latria* para especificar a adoração a Deus, e *dulia* para a honra aos santos e mártires, teses essas que eram baseadas nos escritos de Damasceno (Walker, 2006, p. 272; González, 2004, p. 193-194).

González (2004) ainda ressalta que, em Nicéia acabou o movimento iconoclasta no século VIII. No entanto, com a queda da dinastia Isauriana e a ascensão dos Macedônios, o iconoclasmo voltou ao poder. Assim, Walker (2006, p. 273) afirma que, no começo do século IX, o imperador Leão V (813-820) retomou as políticas que não permitiam o uso de imagens religiosas. Um sínodo realizado em Constantinopla reforçou essa decisão e a repressão continuou por vários anos. Porém, somente em 843, com a iniciativa da imperatriz Teodora, que governava enquanto seu filho era menor, foi permitido o uso de imagens novamente.

Portanto, entender os conceitos relacionados à Controvérsia Iconoclasta foi muito importante na história do cristianismo pois essa discussão teve um impacto significativo na Igreja e na sociedade da época, influenciando aspectos como a arte, a religiosidade e a política. Agora que já foram definidos os conceitos deste trabalho, a última seção analisará os principais impactos da expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino na Controvérsia Iconoclasta.

3 OS PRINCIPAIS IMPACTOS DA EXPANSÃO DO ISLAMISMO NOS SÉCULOS VII-VIII NOS ARREDORES DO IMPÉRIO BIZANTINO NA INTENSIFICAÇÃO DA CONTROVÉRSIA ICONOCLASTA

A seção anterior relatou a Controvérsia Iconoclasta, uma discussão sobre os ícones usados na prática de adoração e veneração. Vale ressaltar que o ser humano ao longo do tempo se utilizou de símbolos e imagens. A chamada Iconografia é a ciência que estuda os símbolos e seus significados, procurando identificar a sua mensagem por trás dos mesmos. Cada sociedade do mundo antigo desenvolveu uma iconografia diferente da outra.

Ainda nesse contexto, é importante destacar que a adoração através de imagens e ícones é uma prática que está presente em várias religiões e culturas ao redor do mundo, desde a Antiguidade. As religiões usaram esse tipo de recurso e desenvolveram seus dogmas e contar seus mitos. O cristianismo não fugiu desse padrão, pois os cristãos também desenvolveram uma iconografia.

Segundo Davis (1990, p. 302-3), González (2011, p. 290) e Fernandes (2016, p. 28) é possível entender que a iconografia cristã começa a se desenvolver nos primeiros séculos do cristianismo, quando as igrejas eram decoradas com imagens bíblicas. Porém, no século IV, bem na época de Constantino, algumas vozes começaram a se levantar contra essas imagens, como é o caso de Eusébio de Cesareia que, baseado na cristologia de Orígen, argu-

mentava que a Encarnação de Cristo é um evento histórico passageiro e que cumpriu o seu propósito que era revelar a Palavra ao mundo.

Apesar disso, a iconografia cristã começou a se desenvolver. Já no final do século VII, mais precisamente em 691-92, aconteceu o Concílio Quinisexto. Os autores Davis (1990, p. 304) e Fernandes (2016, ´p. 29) afirmam que nesse concílio foi ordenado que a representação de Cristo era para ser em forma humana e não mais como cordeiro para lembrar os fiéis a Sua encarnação e morte.

Era nesse contexto que estourou a Controvérsia Iconoclasta. Apesar de não se saber as causas dessa querela, com base nos conteúdos referenciais, é possível notar como o tema vem sendo abordado, em produções científicas, de forma a entender que o islã não é uma das causas principais e teve muito pouco ou nenhum impacto na controvérsia. Contudo, Fernandes (2016, p. 49) ressalta que muitas teorias tentam explicar o começo da iconoclastia. Alguns dizem que a ideia veio de motivos religiosos, outros falam de motivações políticas e há também quem diga que a razão envolvia as duas coisas juntas.

Embora González (2011, p. 290) afirme que o decreto de Leão III para destruir as imagens em 726 seja "[...] bem possível que ele promulgou tantos decretos para desmentir os muçulmanos, que acusavam os cristãos de idolatria", essa tese é questionada por outros autores e fontes que apontam outros fatores que podem ser mais plausíveis para essa controvérsia.

Por exemplo, há a abordagem de Ostrogorsky (1969, p. 160-164) que afirma que a motivação de Leão foi por influências semitas que tinha recebido na Síria. Por conta disso, e também motivado pelo ensino Mosaico de não adorar as imagens, ele odiava as mesmas. O Imperador achava atingir uma espiritualidade mais pura assim. Nessa mesma linha, Price (2018, p. 10) apresenta que Leão foi motivado pela leitura do Antigo Testamento, que relata o fracasso do povo de Israel ao cumprir esse mandamento.

Ostrogorsky (1969) ainda apresenta, agora juntamente com Walker (2006, p. 274), o lado político dessa controvérsia. Segundo essa abordagem, a iconoclastia dos imperadores Leão III e Constantino V não passou de uma tentativa de dobrar os monastérios, que eram muitos ricos naquela época, à vontade imperial. Embora Gregory (2011, p. 207) mencione essa perspectiva, o autor pensa que a fé pessoal de Leão seja mais provável para o começo da controvérsia.

Sendo assim, também é possível perceber que o assunto apresenta uma relação com os aspectos teológicos. Gonzalez (2004) afirma que para os bispos iconoclastas não é possível representar a natureza divina, sendo preciso representar separadamente a humanidade de Jesus nas imagens. Assim, caso fosse possível representar as duas naturezas juntas, poder cometer um erro e isso já aconteceu no passado, quando a igreja condenou duas correntes de pensamento que misturavam ou dividiam as naturezas de Jesus. Enquanto para os bispos iconodulia "[...] ao recusarem representar a forma humana de Cristo davam espaço para a acusação que afirmavam que Ele era Deus, mas negavam que Ele realmente se tornara homem" (Latourrette, 2006, p.395).

Ainda, tomando por base o objetivo do presente trabalho, que trata dos principais impactos da expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino na intensificação da Controvérsia Iconoclasta, é possível notar que nenhuma das fontes aqui analisadas menciona o islã como fator preponderante nessa querela.

Desse modo, as principais informações que foram tratadas aqui também passam pelas relações entre Oriente e Ocidente, que ficaram bem abaladas. Essas consequências nas relações entre os cristãos Orientais e Ocidentais vieram quase de imediato.

Os relatos de Davis (1990, p. 321), Gregory (2011, p. 216) e Ostrogorsky (1969, p. 185) afirmam que a coroação de Carlos Magno pelo papa Leão III no Natal de 800 representou um duro golpe para os bizantinos, como se o representante de Deus na Terra, o papa, estivesse reprovando os imperadores bizantinos daquele momento em diante.

Ainda no que diz respeito às relações entre os cristãos Orientais e Ocidentais, elas pioram ainda mais no decorrer do século. IX. Mais para o final do século, aconteceu o chamado Cisma Fociano. Esse pequeno cisma começou quando Miguel III depôs Inácio como Patriarca de Constantinopla para colocar Fócio. Inácio, então, apelou para o Papa Nicolau I, que excomungou Fócio. Depois de muitas negociações, Inácio retornou ao seu posto anterior. Ademais, esse breve cisma teve o seu aspecto teológico; os Orientais não aceitavam a cláusula *Filioque* no Credo Niceno, considerando-a herética (Gregory 2011, p. 239; González 2011, p. 325; Latourrette, 2006, p. 406).

Nesses breves relatos fica claro, portanto, que as consequências da Controvérsia Iconoclasta, embora ocorrida nos séculos VIII e IX, se refletiram nos séculos seguintes. E ficaram, então, estabelecidas uma das bases daquilo que é chamado de Grande Cisma do Oriente no século XI. Ademais, com base na argumentação apresentada ao longo desta seção, fica claro que as relações entre religião, política e sociedade no século VIII, bem como sobre sua influência nas relações entre cristãos bizantinos e ocidentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conteúdo abordado ao longo do presente trabalho demonstra a importância e torna-se evidente a relevância e atualidade do tema da adoração através de imagens e ícones no contexto da produção acadêmica contemporânea. Através do estudo desse tema, é possível compreender e analisar como a religiosidade e a arte foram influenciadas por fatores políticos, teológicos e culturais ao longo dos séculos, além de investigar as transformações e permanências dessa prática ao longo da história.

Este artigo, que teve por objetivo, identificar os principais impactos da expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino na intensificação da Controvérsia Iconoclasta. Na primeira parte,

"expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino", apresentou m breve resumo da origem do islamismo e sua expansão pelo Oriente Médio. Dos temas abordados, constatou-se que o Império Bizantino passava por alguns reveses políticos, o que favoreceu os ataques muçulmanos

Na segunda parte, "Controvérsia Iconoclasta", apresentou a história dos imperadores e teólogos contra os ícones que eram usados na devoção cristã. Dos temas abordados, constatou-se que, após cerca de cinquenta de controvérsia, foi decidido que era lícito os cristãos venerarem esses ícones, decisão essa que foi reconfirmada em 843

Na última parte, "os principais impactos da expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino na intensificação da Controvérsia Iconoclasta.", apresentou um apanhado das abordagens sobre a influência do islamismo na querela das imagens. Dos temas abordados, constatou-se que o movimento iconoclasta foi influenciado por uma série de fatores, mas nenhum deles foi primeiramente causado pelo islã que estava se expandindo na região.

Apesar de todas as contribuições apresentadas, esta temática ainda reserva investigações posteriores a respeito da história do cristianismo medieval; mais especificamente como o cristianismo relacionou com a política medieval, bem como nos desdobramentos que teve no mundo ocidental desde então.

REFERÊNCIAS

DAVIS, Leo Donald. **The first seven Ecumenical Councils (325-787)**: their history and theology. Collegeville, Minnesota: Liturgical Press, 1990.

FERNANDES, Caroline Coelho. A **crise iconoclasta no Império Bizantino e a defesa das imagens de São João Damasceno**: um debate sobre autoridade política. 2016. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado em História. Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais.

GOLDSCHMIDT JUNIOR, Arthur; AL-MARASCHI Ibrahim. **Uma história concisa do Oriente Médio**. Tradução Caesar Souza. 1. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

GREGORY, Timothy E. **A history of Byzantium**. John Wiley & Sons, 2011.

GONZALEZ, J. L. **História ilustrada do cristianismo**. A era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. Vol. I – 2. ed. rev. São Paulo – Vida Nova, 2011.

GONZALEZ, J. L. **Uma História do Pensamento Cristão**. Vol. 2 De Agostinho às vésperas da Reforma. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

HODGSON, Marshall GS. **The venture of Islam, volume 1**: The classical age of Islam. Chicago and London; University of Chicago press, 1971.

LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma história do cristianismo**: vol. I: até 1500 a.C. São Paulo: Hagnos, 2006

LOUTH, Andrew. "**The Emergence of Byzantine Orthodoxy, 600–1095**." In The Cambridge History of Christianity, Cambridge History of Christianity, eds. Thomas F. X. Noble and Julia M. H. Smith. Cambridge: Cambridge University Press, p. 46-64, 2008.

LEWIS, Bernard. **A crise do islã**: guerra santa e terror profano; tradução. Maria Lúcia de Oliveira, -Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

LEWIS, Bernard. **O Oriente Médio**: do advento do cristianismo aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1996.

OSTROGORSKY, George. **HISTORY OF THE BYZANTINE STATE**, New Jersey and New Brunswick; by Rutgers, The State University of New Jersey, 1969

PRICE, Richard. **The acts of the second council of Nicaea (787)**. Liverpool; Liverpool University Press, 2018.

TREADGOLD, Warren. **A history of the Byzantine state and society**. Stanford, California; Stanford University Press, 1997.

WALKER, W. **História da Igreja Cristã**. 3 ed. São Paulo: ASTE, 2006